

## Museu do Vinho

### O homem e a paisagem – a epopeia de pedra

A história do Arquipélago dos Açores é uma história de luta permanente. Luta contra a natureza, a falta de terra, os sismos, os terramotos, os vulcões, a fome e a pobreza; luta pela sobrevivência, luta contra os centros e contra as periferias. Desse combate, obstinado e secular, resultou uma integração num espaço profundamente rural que temos sabido conservar ao longo do tempo.

Esta matriz geográfica e histórica, essencialmente marcada por uma ruralidade e insularidade profundas, tem sabido combinar o mais tradicional com o mais moderno. Periféricas, relativamente à Europa Continental, mas absolutamente estratégicas relativamente à Europa marítima e às dinâmicas atlânticas, constituindo-se, mesmo, como a sua salvaguarda em diversos contextos, as ilhas dos Açores têm-se assumido como um espaço de referência no todo nacional.

O Pico constitui o exemplo acabado da acção da geografia sobre o curso da história, realidade que determina a individualização do modo de vida das suas gentes. Com efeito, a infertilidade do solo, de *lajido* e de *biscoito*, atrasa a ocupação humana e dificulta o desenvolvimento económico. No entanto, esta maldição da terra (apenas 3,4% do solo é arável) suscita e aguça o engenho e a tenacidade dos homens. A vocação vinícola constitui, assim, o principal elemento diferenciador do Pico na paisagem agrícola dos Açores.

Com sabedoria e criatividade, o homem do Pico triunfou perante as adversidades de uma natureza hostil e de um chão inclemente, transformando pedra improdutiva no seu modo de sustento, plantando a vinha e protegendo-a dos ventos fortes e do rocío do mar através da construção de uma gigantesca e estruturada malha de muros de pedra, onde sobressaem os “currais”.

Simultaneamente à cultura da vinha, foi sendo construído um diversificado património edificado, constituído por solares, adegas, armazéns, poços-de-maré, rola-pipas, trilhos/*rilheiras* dos rodados de carro-de-bois, alambiques, portos, embarcadouros, descansadouros, casas conventuais e ermidas, entre outras estruturas, todas elas reflectindo as vivências (marcas culturais) do quotidiano de uma população dedicada ao trabalho árduo da cultura da vinha.

A paisagem da cultura da vinha da Ilha do Pico, classificada como Património Mundial da Unesco, corresponde a uma área de excepcional beleza natural e importância estética, obedecendo a uma evidente relação de equilíbrio e cumplicidade entre o homem e a natureza, ao longo dos séculos, desde o povoamento à actualidade. Esta intervenção humana não alterou a paisagem *“Porque de mais não se tratou do que a partir da pedra, sobre a mesma pedra, dar um diferente arranjo à pedra. Pedra era e pedra ficou.”* (Tomás Duarte Jr.).

A criação do Museu do Vinho, na Vila da Madalena, deve, pois, ser entendida como uma inevitabilidade histórica. A organização de um museu subordinado à temática da vinha identifica-se com a principal actividade económica exercida pela comunidade que ocupou este território, desde o seu povoamento. Na Madalena reúnem-se, de facto, várias condições favoráveis para se construir um museu de memórias e tecnologias agrícolas associadas ao vinho, quer pela extensão e expressão da vinha que domina a paisagem, quer pela existência de um espaço que, durante séculos, foi dedicado ao fabrico do vinho: as instalações agrícolas que pertenceram ao Convento do Carmo – magnífico imóvel, dos sécs XVII-XVIII, mansão de veraneio dos frades carmelitas sedeados na cidade da Horta, da ilha do Faial –, símbolo arquitectónico da fase opulenta do *Ciclo do Vinho Verde*, na ilha do Pico.

O Museu do Vinho compreende as seguintes estruturas edificadas: 1. a Casa Conventual dos Carmelitas (outrora a funcionar como habitação e adega, respectivamente no 1º andar e no rés-do-chão), agora utilizada como espaço expositivo de longa duração; 2. o armazém, estrutura que acomoda os alambiques (destilaria) e um espaço adaptado a recepção, destinado ao acolhimento do público, com um lagar de duas bicas, em pedra; 3. uma construção de raiz que alberga um espectacular lagar de três bicas, em pedra (exemplar único nos Açores), cujo acesso é feito exclusivamente pela mata de dragoeiros; 4. um miradouro, em madeira pintada, com vista sobre os currais da vinha, anexa.

A localização geográfica privilegiada do Museu do Vinho, o poder mágico da paisagem natural – a vinha, os dragoeiros seculares, o Canal do Pico – Faial, o mar e a Montanha -, a dimensão poética e estética do lugar, a presença sóbria de uma arquitectura secular, de pedra vulcânica, em serena harmonia com uma nova linguagem arquitectónica, da autoria do reconhecido Arquitecto Paulo Gouveia, tão característica da América da emigração açoriana e a força arrebatadora da epopeia humana associada ao histórico ciclo do *Verdelho*, tem vindo a transformar este local num pólo importante de desenvolvimento turístico-cultural da ilha do Pico.

Com a recuperação, reutilização e valorização cultural destes espaços, pretende-se preservar o património cultural e ambiental da antiga propriedade dos Carmelitas, na Madalena (os edifícios, a vinha e os dragoeiros) e as memórias associadas à cultura da vinha e à produção do vinho *Verdelho* na ilha do Pico. Um vinho que internacionalizou o Pico e os Açores no mundo e se assume como uma memória e uma imagem de marca cultural da Região.

Manuel Francisco Costa Jr

Director do Museu do Pico